

REPRESENTAÇÕES LEXICAIS SUBJACENTES: VERBOS E LÉXICO INICIAL

Elenice Maria Larroza Andersen¹

eleniceandersen@unipampa.br

RESUMO: Este trabalho trata das representações lexicais subjacentes das crianças. Descreve o léxico produtivo de uma criança falante do português a partir de dois parâmetros da estrutura organizacional: a idade de aquisição e a frequência das palavras.

PALAVRAS-CHAVE: Psicolinguística; Léxico; Verbos iniciais.

INTRODUÇÃO

A natureza das representações lexicais subjacentes tem sido objeto de estudo de diversas áreas do domínio lingüístico. O interesse tem-se concentrado, principalmente, na estrutura e na organização dessas representações. Até o momento, as pesquisas apontam para cinco parâmetros que fornecem uma estrutura organizacional para as palavras no léxico mental. São eles: idade de aquisição, frequência das palavras, densidade das palavras vizinhas, probabilidade fonotática e frequência das palavras vizinhas (Gierut e Morrisette, 2002).

Para o estudo desses parâmetros, as pesquisas sobre o léxico inicial oferecem uma contribuição singular porque permitem observar os fenômenos lingüísticos nos primeiros estágios do desenvolvimento humano. No entanto, pouca atenção tem sido dada à organização das representações lexicais das crianças (Gierut e Morrisette, 2002). Assim sendo, faz-se necessário que se desenvolvam mais pesquisas cujos dados se constituam do léxico inicial.

Tendo-se em vista a importância dos estudos sobre a organização lexical e a necessidade de mais pesquisas nessa área contemplando crianças, pretende-se, neste

¹ Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

trabalho, descrever o léxico produtivo de uma criança, explorando dois dos parâmetros da estrutura organizacional, a saber, a idade de aquisição e a frequência das palavras. A criança estudada é falante do português brasileiro e a faixa etária investigada é de um ano, um mês e vinte e dois dias (1;1.22) até os três anos, nove meses e treze dias (3;9.13). O enfoque da descrição será, especificamente, na idade de aquisição e na frequência das formas verbais.

Na análise, busca-se responder às seguintes questões norteadoras:

- a) Quais as formas verbais que aparecem primeiramente no léxico dessa criança?
- b) A partir de que idades aparecem as flexões de tempo e modo?
- c) Os verbos são categorias recorrentes no léxico inicial?
- d) Que verbos são mais frequentes nas produções da criança?

É importante destacar que o léxico dessa mesma criança já foi analisado por Lamprecht, Andersen, Pacheco e Vidor (2004), na perspectiva dos substantivos mais frequentes. Nesse sentido, os resultados aqui encontrados complementarão a descrição existente, bem como permitirão estabelecer relações entre o uso dos verbos e dos substantivos no léxico inicial. Uma caracterização mais completa do léxico dessa criança contribuirá para a constituição de uma base de dados necessária para a realização de pesquisas sobre a organização do léxico mental. Além de contribuir para os estudos sobre estrutura organizacional do léxico mental, acredita-se que os achados deste estudo poderão subsidiar, também, pesquisas sobre terapia fonoaudiológica, *input* e núcleo vocabular do português brasileiro.

No que se refere à terapia fonoaudiológica, estudos como o de Gierut e Morrisette (2002) mostram que a organização lexical influencia não somente na percepção e produção de adultos e crianças, mas também na aprendizagem fonológica em crianças que apresentam desvios. Segundo as autoras, com base na frequência das palavras, é possível planejar o tipo específico de generalização que irá ocorrer no tratamento. O cálculo dessa frequência pode vir de bases de dados do léxico adulto, do léxico infantil ou, ainda, das duas bases, para que os resultados sejam comparados. Por essa razão, além do conhecimento das palavras mais frequentes no léxico adulto, também é necessário um levantamento lexicostatístico do vocabulário infantil. Este levantamento pode ser utilizado para a seleção dos alvos empregados na prática clínica. Afora isso, investigar, especificamente, os verbos mais recorrentes no léxico infantil é

útil para a inclusão dessa categoria na lista de palavras dos instrumentos de terapia, além dos tradicionais substantivos.

Quanto ao *input*, há pesquisas (Theakston et al., 2002; Wittek e Tomasello, 2002; Theakston et al., 2004; etc.) que defendem a existência de uma correlação positiva entre frequência do *input* e aquisição da linguagem. Acredita-se que as palavras de alta ocorrência são reconhecidas mais rapidamente e com melhor precisão do que as palavras de baixa frequência (Gierut e Morrisette, 2002). As palavras de alta frequência podem ser mais fáceis de serem retidas na memória de curto prazo e, assim, as crianças podem analisar mais detalhadamente o *input* (Gierut e Morrisette, 2002). Dessa forma, descrições do vocabulário infantil são úteis para investigações que se interessam pela relação entre frequência do *input* e aquisição lexical.

Sobre o vocabulário fundamental do português brasileiro, pesquisas como a de Biderman (1998) e de Nascimento e Isquerdo (2003) sugerem a existência de um núcleo vocabular desse idioma. Esse núcleo seria constituído por poucas unidades lexicais reiteradas continuamente e que seriam fundamentais para a comunicação em português. Assim sendo, é possível que essas palavras sejam essenciais não apenas no léxico adulto, mas também no léxico inicial. A partir de uma descrição do vocabulário infantil, podem-se levantar hipóteses relativas à existência de um núcleo vocabular comum no léxico de crianças e adultos falantes do português brasileiro contemporâneo (PB). Essas hipóteses poderão ser estudadas em pesquisas posteriores.

Como se pode observar, a constituição de uma base de dados é necessária para subsidiar o desenvolvimento de mais pesquisas sobre organização lexical subjacente, prática clínica, *input* e vocabulário fundamental do PB. No entanto, sabe-se que há poucas descrições que oferecem dados sobre o léxico infantil. Nesse sentido, espera-se que a presente pesquisa contribua para o preenchimento dessa lacuna, a fim de que mais estudos possam ser desenvolvidos futuramente.

1. LÉXICO E IDADE DE AQUISIÇÃO

Um dos fatores envolvidos na organização do léxico mental é a idade de aquisição. É consenso que os primeiros itens lexicais aparecem quando a criança tem em torno de um ano de idade. Uma das explicações para esse fenômeno universal é a de que nessa idade a criança atinge certa maturidade neuropsicológica (Scliar-Cabral,

1999). Pesquisas como as de Jaeger et al. (1996) mostram que os circuitos cerebrais envolvidos no processamento da linguagem verbal não estão prontos desde o nascimento. Com isso, é preciso alguma maturação morfológica do cérebro para que aconteça o ajuste dos gestos fonoarticulatórios para portar significado (Scliar-Cabral, 1999). Essa maturidade também é necessária para o armazenamento dos itens lexicais, como os verbos regulares e irregulares (Jaeger et al., 1996).

De acordo com Barret (1997), inicialmente as crianças apresentam vocalizações não-convencionais, idiossincráticas e que parecem indicar seus estados internos de afeto. No entanto, como essas vocalizações apresentam formas fonéticas relativamente consistentes e funções comunicativas específicas, podem ser consideradas palavras. As primeiras palavras das crianças podem estar presas ao contexto, sendo produzidas apenas em situações limitadas e específicas. Esse contexto é um evento que ocorre com certa regularidade para a criança. Porém, há palavras contextualmente flexíveis que são usadas de modo referencial para indicar classes de objetos, nomes próprios de objetos individualizados, pessoas ou animais, ou ações. Palavras sociopragmáticas também podem ser encontradas quando a criança quer orientar o comportamento dos outros, como no caso do verbo *olha* (Barret, 1997).

Inicialmente, as palavras são adquiridas em uma velocidade lenta (cerca de uma, duas ou três palavras novas por semana), e os enunciados ficam reduzidos a uma palavra de cada vez. De acordo com Scliar-Cabral (1999), é característico dos primeiros enunciados:

- 1- a presença de itens globais para cada referência representando as necessidades imediatas da criança;
- 2- a flutuação fonética do mesmo item;
- 3- a ausência de marcadores gramaticais (afixos, morfemas gramaticais livres, morfemas de ordem);
- 4- a ausência de relações sintáticas;
- 5- o caráter privado da variedade da criança, de modo que apenas os familiares compreendem os seus enunciados.

Aqui, convém abrir um parêntesis para o papel do *input* lingüístico. Além dos aspectos maturacionais, o *input* dirigido à criança interfere na sua produção. A frequência de exposição a um *input* e o tipo de *input* que a criança recebe motivam parte

de suas produções. Pode-se citar, para exemplificar, o trabalho desenvolvido por Wittek e Tomasello (2002). Esses autores realizaram dois estudos com crianças alemãs com idades entre 2;6 e 3;6. Com enfoque no verbo no tempo presente, os autores descobriram que a frequência de exposição é um importante fator na determinação da idade de aquisição das construções gramaticais.

Voltando-se às características do léxico inicial, pesquisas atestam que em torno dos quinze meses de idade o léxico mental da criança é ainda diminuto (cerca de dez palavras). Nessas pesquisas, mostrou-se que em torno dos vinte meses, ocorre a explosão lexical e o vocabulário aumenta para cinquenta palavras. A velocidade de aquisição das palavras também começa a aumentar, podendo chegar a oito palavras novas por semana. Aos dois anos ou dois anos e meio, o vocabulário da criança pode atingir cerca de quinhentos itens lexicais. Deve-se pontuar, entretanto, que esses números são resultados de estudos baseados em registros realizados pelas mães das crianças em diários. Afora isso, outra ponderação a ser feita é a de que esses resultados se fundamentam apenas nas produções das crianças, o que subestima a velocidade do crescimento do vocabulário inicial. Estudos mostram que, se for considerada a compreensão, o número de itens lexicais do vocabulário da criança é consideravelmente maior (Barret, 1997).

As palavras referenciais adquiridas durante o segundo ano de vida das crianças, são usadas para fazer referência aos atributos, qualidades ou estados de objetos, eventos e pessoas. Citam-se como exemplos: *sumiu*, para indicar o desaparecimento de objetos e *em cima* para a localização de objetos no espaço. Esse uso de palavras referenciais é caracterizado, muitas vezes, pela subextensão, pela superextensão, pela sobreposição e pelo desencontro. No primeiro caso, o da subextensão, as crianças usam uma palavra referencial para situações diferentes, a fim de se referirem apenas a um subconjunto de objetos, estados ou propriedades. A superextensão ocorre quando a criança usa uma palavra referencial para se referir a outros objetos, estados, propriedades ou ações inadequados. A sobreposição acontece quando uma palavra superestendida é usada para referentes inadequados, mas apenas para referir a alguns, não a todos os referentes adultos. No último caso, há um desencontro total entre o vocábulo adulto e as palavras referenciais das crianças (Barret, 1997).

Em se tratando especificamente da aquisição verbal, estudos afirmam que há uma tendência a um aumento na proporção de uso dos verbos à medida que o tamanho do vocabulário chega a 50-100 palavras, e essa produção continua a aumentar à medida

que o vocabulário cresce em torno de 400-500 palavras. Disso decorre que, aparentemente, até as primeiras 50-100 palavras, as crianças tendem a adquirir predominantemente substantivos comuns e, depois dessa fase, elas passam a adquirir também grandes quantidades de verbos (Barret, 1997). Deve-se destacar, contudo, que o uso preponderante dos nomes em detrimento das demais categorias lexicais não é uma proposta consensual. Há pesquisas atuais que questionam essa idéia, como se mostrará na próxima seção, onde se discutirá sobre a frequência dos itens lexicais verbais no vocabulário inicial.

Quanto ao aspecto conceitual dos verbos no léxico inicial, o trabalho de Bassano (2000) mostra, ao estudar a fala espontânea de uma criança francesa com idades entre 1;2 e 2;6, que os verbos de ação concreta são as categorias que prevalecem no léxico infantil. Há, também, o trabalho de Armon-Lotem e Berman (2003), que diz que no repertório inicial das crianças há verbos que expressam ações, acontecimentos e estados.

Outra discussão envolvendo a aquisição dos primeiros verbos é a que se refere à morfologia. Pesquisas mostram que desde muito cedo aparecem formas verbais flexionadas nas falas das crianças. Entretanto, questiona-se se as primeiras marcas morfológicas resultam do conhecimento das crianças a respeito das flexões da língua.

No estudo já referido de Armon-Lotem e Berman (2003), por exemplo, foram investigadas as primeiras vinte formas verbais de seis crianças hebraicas com idades entre 1;2 e 2;1, bem como a evolução das flexões verbais de três dessas crianças. Uma das discussões que as autoras apresentam refere-se às formas verbais que as crianças selecionam inicialmente para produzir. Elas pontuam que as crianças adquirem, primeiramente, as propriedades mais salientes do sistema lingüístico e que as propriedades universais do sistema são adquiridas antes que as características particulares. Em relação à morfologia temporal, as autoras demonstram que as crianças começam com um sistema verbal em que não há flexão de tempo. O que aparece são alguns vestígios de conhecimento de modo e de aspecto lexical. Assim, a flexão de tempo é usada para marcar o aspecto em vez de marcar o tempo. Nos comentários finais, elas afirmam que há um modelo de aquisição, no qual o aspecto precede o gênero, seguido pelo tempo e, eventualmente, pela pessoa (última categoria a ser adquirida) e que esse modelo não é específico às crianças hebraicas.

No entanto, Bar-Shalom (2002) rejeita as hipóteses de que a criança usa restritamente as flexões temporais nos estágios iniciais, de que, por limites cognitivos, há primazia do aspecto gramatical na compreensão do tempo das crianças mais jovens e

de que as crianças são guiadas pelo aspecto inerente do verbo no uso do tempo. Observando a interação entre quatro crianças russas (com idades entre 1;6 e 2;11) e seus pais, ela investiga a morfologia aspectual e temporal inicial. Os dados obtidos de seções semanais gravadas em *videotape* permitiram mostrar se há domínio do tempo e do aspecto gramatical nos estágios iniciais. Por meio dos seus dados, ela demonstra que não há um domínio tardio do tempo e do aspecto. Ao contrário, desde cedo as crianças produzem os verbos em circunstâncias contextuais apropriadas, o que comprova que elas estão no caminho certo no seu entendimento sobre tempo e aspecto.

Tendo-se em vista que esses estudos utilizaram as línguas hebraica e russa, é interessante, para os propósitos deste trabalho, complementar essa discussão com uma pesquisa sobre o PB, como a de Santos e Scarpa (2003).

Santos e Scarpa (2003) analisaram dados de duas crianças com idades entre 1;0 e 3;0, para questionar o estatuto morfológico dos seus enunciados iniciais. Elas defendem que as primeiras formas verbais flexionadas (que aparecem a partir da idade de 1;5) exibem instabilidade e lacunas paradigmáticas. As autoras atestam que o uso da flexão temporal, por exemplo, não coaduna com o uso de tempo verbal em uma língua como o português. A extensa flutuação fonética de algumas formas obscurece o reconhecimento do sufixo de tempo. Além disso, elas perceberam a instabilidade no significado da flexão de passado, com a migração de marca de ação completada (ou passado) para a fase inicial (prospectiva do evento), em alguns casos. Santos e Scarpa (2003) postulam que algumas palavras parecem ser um item lexical não analisado quanto à flexão de tempo. Assim, os seus resultados indicam que as crianças trabalham com o componente morfológico por volta de 1;9, mas o processo de segmentação morfológica dá-se somente a partir dos 2;0.

Apresentadas as questões relativas à idade de aquisição das formas verbais, passa-se, agora, aos pressupostos referentes à frequência das palavras.

2. A FREQUÊNCIA DAS PALAVRAS

Além das questões referentes à idade de aquisição, outro parâmetro parece influenciar a estrutura organizacional das palavras no léxico mental, a saber, a frequência das palavras. A frequência da palavra é “o número de vezes em que uma dada palavra ocorre em uma língua” (Gierut e Morrisette, 2002, p. 159). É uma

propriedade da organização lexical que influencia diferencialmente no reconhecimento da palavra falada (Gierut e Morrisette, 2002).

Pesquisas dizem que as palavras de alta frequência, isto é, aquelas que apresentam alta ocorrência, são reconhecidas mais rapidamente e com melhor precisão do que as palavras de baixa frequência, sugerindo que a alta frequência da palavra facilita o processamento perceptual. Isso estaria relacionado à demanda de processamento. As palavras de alta frequência possuiriam uma carga de processamento reduzida, facilitando o caminho de recuperação das formas.

Dessa forma, as palavras de alta frequência podem ser mais fáceis de serem retidas na memória de curto prazo, de modo que uma criança pode analisar mais detalhadamente o *input* (Gierut e Morrisette, 2002).

Esses princípios podem ser considerados na aplicação clínica. Gierut e Morrisette (2002), por exemplo, mostraram que a frequência da palavra pode ser utilizada no planejamento da generalização a ocorrer no tratamento fonológico. Partindo do pressuposto de que a alta frequência das palavras facilita o tratamento de crianças com desvios, elas investigaram oito crianças com desvios fonológicos com idades entre 3;10 e 5;4. Duas dessas crianças foram inscritas no tratamento de palavras de alta frequência, e outras duas, no de baixa frequência. Um som foi selecionado para o tratamento de cada criança. As crianças compareciam a três sessões de uma hora por semana e continuavam até o fim das fases de tratamento da imitação e da fase de tratamento da produção espontânea. Como resultado, elas descobriram que o tratamento de palavras de alta frequência resultou em importantes efeitos de generalização. O tratamento de palavras de baixa frequência não produziu significativos efeitos de generalização. Em termos qualitativos, o tratamento de palavras de alta frequência induziu à mudança nos sons tratados e não tratados, dentro de e entre classes, e o tratamento de palavras de baixa frequência resultou em generalização apenas para sons não tratados. Dessa forma, se o terapeuta tem o objetivo de promover mudança ampla no sistema na fonologia, os melhores alvos a serem utilizados são as palavras de alta frequência. Se, ao contrário, a meta for promover mudanças em apenas sons não tratados, as palavras de baixa frequência são os melhores alvos.

Como se pode observar, os levantamentos lexicostatísticos são fundamentais para o trabalho na clínica de linguagem. Assim sendo, faz-se necessário o conhecimento das palavras mais frequentes de uma língua, para que elas possam ser utilizadas nas atividades terapêuticas.

Sobre o PB, há uma pesquisa lexicostatística conhecida como Dicionário de Frequências do Léxico do Português Brasileiro (DIF) de Maria Tereza Camargo Biderman (1998). Esse trabalho foi baseado em um corpus de língua escrita de cinco milhões de palavras (dados de 1950 a 1995).

De acordo com Biderman (1998), por meio da lexicostatística sabe-se que os símbolos lingüísticos (letras, fonemas, palavras, categorias gramaticais) manifestam uma recorrência tão regular que tornam possível a sua previsibilidade. A frequência das letras, fonemas, número de sílabas e comprimento da palavra são um condicionamento lingüístico, de modo que é possível prever os fonemas, grafemas, vocábulos e unidades gramaticais que poderão ocorrer nos discursos oral e escrito dos falantes e escritores (Biderman, 1998, p.162).

Em relação à estrutura geral do léxico do português contemporâneo, Biderman (1998) apresenta estas considerações:

(a) Cerca de 42% do total de ocorrências do corpus é constituído por pouco mais de mil palavras;

(b) 80% de qualquer texto do português é constituído por essas mil palavras, que são reiteradas continuamente.

Essas palavras reiteradas são as instrumentais, como artigos, pronomes, preposições, conjunções, advérbios, numerais e algumas palavras lexicais ou plenas das classes substantivo, adjetivo e verbo. Veja-se o exemplário das palavras de altíssima frequência do PB dado pela pesquisadora:

PALAVRAS INSTRUMENTAIS

Artigos definidos: o, as, os, as [total: 383.116]

Artigos indefinidos: um, uma, uns, umas [total: 98.797]

Pronomes: ele, eles [total: 18.964]; ela, elas [total: 9.666]; eu; você; nada, ninguém; que; qual, qualquer, tal, tudo; este(s), esse(s), esta(s), essa(s), meu(s), minha(s)

Preposições: de [total: 180.228], em [total: 55.794], para [total: 50.848], por [total: 32.241]

Contrações de preposições: do(s), da(s), no(s), na(s); locuções prepositivas: acima de, abaixo de, antes de, atrás de, depois de, embaixo de, em cima de, ao lado de, em vez de;

Advérbios: agora, já, ainda, depois, depressa, cedo, hoje, ontem, muito, pouco, bastante, mais, quase, mal, nunca, sempre, não, logo, também, lá, etc.

Conjunções: e [total: 55.794], em, mas, como, que [total incluindo homônimos: 137.617]

Locuções conjuncionais: depois que, logo que, para que, etc.

PALAVRAS PLENAS²

Substantivos: ação, água, amor, área, alma, arte, ato, banco, base, cabeça, cabelo, carro, cidade, coisa, começo, cor, domingo, dor, dúvida, economia, espírito, família, forma, história, hora, homem, mãe, maneira, mão, mês, mulher, pai, palavra, pessoa, qualidade, rapaz, realidade, rio, rua, sala, sangue, tempo, terra, uso, vez, vida, voz

Adjetivos: alto, baixo, bom, bonito, difícil, duro, fácil, geral, humano, largo, maior, mau, novo, primeiro, santo, são, social, velho

Quadro 1: Exemplário de palavras com alta frequência no português brasileiro contemporâneo

Para Biderman (1998), essas palavras constituem o núcleo do vocabulário do PB e são essenciais para a comunicação nesse idioma. Comportamento similar ficou evidente também em uma pesquisa em andamento na qual a autora incluiu um subcorpus de língua falada, totalizando seis milhões de ocorrências.

À guisa de conclusão, Biderman (1998) afirma que por enorme que seja o léxico de uma língua, é reduzido o repertório desse acervo efetivamente utilizado pelos falantes do idioma (Biderman, 1998, p. 178). Essa conclusão é corroborada pela segunda pesquisa lexicostatística que incluiu um subcorpus de língua falada. Considerando essa pesquisa, ela declara que a língua oral registra um vocabulário ainda mais modesto do que todos os subcorpora de língua escrita.

As conclusões de Biderman (1998) assemelham-se às de Nascimento e Isquardo (2003). Basendo-se em um corpus de quatrocentas e cinquenta redações de vestibular

² A listagem dos verbos mais frequentes não consta entre as palavras plenas porque será apresentada com mais detalhes na próxima seção.

(1999 e 2000), as autoras registram a alta concentração da frequência sobre um pequeno número de unidades lexicais.

Os dados das autoras, doravante VEU, foram confrontados com os do DIF. Esse confronto indica que há um pequeno grupo de palavras (pouco mais de trezentas) comuns nas duas bases de dados e com índices de frequência similares (mais de 85% das palavras mais frequentes do corpus da pesquisa coincidem com as mais frequentes do DIF).

Nascimento e Isquero (2003) crêem, portanto, que essas palavras são representantes do vocabulário analisado. A existência de um possível núcleo vocabular é um fenômeno marcado, sobretudo, nos vinte verbos mais frequentes, como será observado na próxima seção, que trata da frequência dos verbos.

3. A FREQUÊNCIA DOS VERBOS

3.1 OS VERBOS MAIS FREQUENTES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

De acordo com a já referida pesquisa de Biderman (1998), os verbos têm um estatuto diferenciado no corpus do Dicionário de Frequências do Português Brasileiro Contemporâneo (DIF). A autora formula a hipótese de que os vinte verbos mais frequentes do PB operam de maneira muito similar na língua, não importando se as variáveis lingüísticas consideradas são as línguas falada ou escrita, e mantêm-se imutáveis ao longo dos anos, sendo muito estáveis no idioma.

Afora isso, ela afirma que poucos verbos aparecem reiteradamente, apresentando alta frequência, e que a grande maioria tem frequência baixa ou média. Veja-se a lista dos verbos mais frequentes do DIF:

1º	Ser	11º	Saber
2º	Ter	12º	Querer
3º	Ir	13º	Ficar
4º	Estar	14º	Achar
5º	Poder	15º	Dever
6º	Dizer	16º	Falar
7º	Haver	17º	Chegar
8º	Fazer	18º	Precisar
9º	Dar	19º	Começar
10º	Ver	20º	Olhar

Quadro 2: Verbos mais frequentes do Português Brasileiro Contemporâneo

Como se pode observar, o quadro registra altíssima frequência dos verbos auxiliares e modalizadores.

Nascimento e Isquierdo (2003) também asseguram que há verbos mais frequentes na constituição do núcleo vocabular. Dos vinte verbos mais frequentes encontrados nos dados do VEU, treze pertencem à lista do DIF. Considere-se o quadro comparativo:

Colocação	DIF	VEU
1º	Ser	Ser
2º	Ter	Ter
3º	Ir	Estar
4º	Estar	Poder
5º	Poder	Fazer
6º	Dizer	Haver
7º	Haver	Ver
8º	Fazer	Vir
9º	Dar	Saber
10º	Ver	Viver
11º	Saber	Dever
12º	Querer	Ir
13º	Ficar	Dizer
14º	Achar	Mostrar
15º	Dever	Possuir
16º	Falar	Existir
17º	Chegar	Chegar
18º	Precisar	Comemorar
19º	Começar	Descobrir
20º	Olhar	Dar

Quadro 3: Verbos mais frequentes no DIF e no VEU

Para as autoras, isso não é uma surpresa, uma vez que pesquisas realizadas em Portugal mostraram que esses treze verbos comuns tinham um comportamento parecido.

Quanto às flexões verbais, Biderman (1998) diz que o infinitivo, o gerúndio, as terceiras pessoas do singular do presente e do pretérito perfeito e imperfeito figuram entre as flexões mais frequentes. Em alguns raros verbos, a primeira pessoa do singular do presente e do pretérito perfeito ocorre bastante. Todas as demais formas do paradigma verbal têm frequência muito baixa, inclusive para os vinte verbos mais frequentes. Assim, as setenta e quatro formas dos verbos do PB, não passam de virtualidade.

3.2 A FREQUÊNCIA DOS VERBOS NO LÉXICO INICIAL

Alguns estudos recentes têm se dedicado especificamente ao papel da frequência dos verbos na composição do léxico das crianças. Um deles é o trabalho realizado por Theakston et al. (2002) sobre a construção dos paradigmas verbais, que mostrou a importância da frequência na aquisição da linguagem. Por meio de um exame da aquisição do verbo *go* de crianças acompanhadas longitudinalmente com idades entre dois 2;0 e 3;0, os autores sugerem que o conhecimento da relação entre as diferentes formas do *go* varia dependendo da estrutura produzida e do significado codificado e que a frequência de uso dessas estruturas e significados prediz o uso que as crianças fazem do *go*. Outro estudo é o de Wittek e Tomasello (2002), citado anteriormente, que comprova a existência de uma correlação positiva entre idade de aquisição das construções gramaticais e frequência de exposição.

Theakston et al. (2004) também defendem que a frequência dos verbos intervém nas produções das crianças. Com um estudo voltado para as relações entre generalidade semântica, frequência do *input* e aquisição da sintaxe, as autoras questionam a tese de que os verbos semanticamente mais gerais são privilegiados no processo inicial de aquisição. Para elas, confunde-se a generalidade semântica com os efeitos da frequência do *input*. Na pesquisa, os dados de nove crianças falantes do inglês, com idades entre 2;0 e 3;0, sugerem que, embora as medidas de generalidade se correlacionem com as medidas dos verbos usados inicialmente, a generalidade semântica não é significativa se removidos os efeitos do uso dos verbos no *input*. Dessa forma, o *input* provavelmente tem um papel mais importante na aquisição da linguagem do que é frequentemente assumido. Ressaltam, porém, que, para adquirir alguns aspectos do sistema lingüístico, as crianças fazem mais do que reproduzir o *input* que escutam. Isso fica claro, por exemplo, na aprendizagem da inversão no uso dos pronomes pessoais. Assim, as autoras declaram a necessidade de realização de mais pesquisas para identificar que aspectos específicos do *input* são importantes no processo de aquisição, tanto no inglês quanto nas demais línguas.

Outro aspecto que tem sido investigado é a frequência dos verbos em relação aos substantivos no léxico inicial. Alguns estudos demonstraram a preferência inicial da criança à classe dos substantivos comuns (Barret, 1997). No entanto, estudos atuais têm questionado essa tendência. Kauschke e Hofmeister (2002), por exemplo, estudaram longitudinalmente a aquisição lexical inicial de crianças alemãs com idades entre 1;1 e

3;0, observando o tamanho do vocabulário em relação à idade, à frequência de uso das palavras e à distribuição das categorias das palavras. Seus achados indicam um dinamismo presente no desenvolvimento das categorias de palavras, de modo que não é confirmada a proposta até então aceita de que há uma recorrência maior aos nomes no uso do vocabulário inicial.

Um fator que parece influenciar nessa questão da frequência dos nomes versus a frequência das outras categorias gramaticais, como a dos verbos, é a fala dirigida à criança, que é diferente. De acordo com Scliar-Cabral (1999), essa diferença acontece, provavelmente, porque os adultos possuem uma intuição sobre os limites biopsicológicos das crianças. Isso pode influenciar no uso que as crianças fazem das formas verbais. O estudo desenvolvido por Goldfield (2000), por exemplo, considerou fatores de ordem pragmática ao examinar os verbos produzidos pelas crianças. A partir dos dados de 44 pais de crianças falantes do inglês com 1;8, o autor verifica que as crianças produzem menos verbos do que conhecem. Segundo ele, isso seria consequência do fato de que as mães induzem a criança a produzir mais a ação em si do que um verbo: “As crianças produzem mais nomes do que verbos, mas as mães produzem mais verbos do que nomes”. A análise dos atos de fala da mãe mostra que as mães raramente induzem as crianças a produzir verbos. Com efeito, as crianças compreendem mais verbos do que produzem, o que revela que “as medidas de produção subestimam a frequência e o significado da aprendizagem dos verbos no desenvolvimento lexical inicial” (Goldfield, 2000, p. 501).

Camaioni e Longobardi (2001) também afirmam que as mães produzem mais verbos do que nomes. Elas estudaram a fala de 15 mães italianas de classe média dirigida a crianças com idades entre 1;4 e 1;8. Nessa pesquisa, contrapôs-se nome e verbo. A fala das mães foi analisada quanto à frequência dos *types* e dos *tokens*. Os resultados mostraram que as mães italianas produziram os verbos mais frequentemente do que os nomes, tanto em *types* quanto em *tokens* e que esses verbos, mais do que os nomes, ocupavam uma posição de saliência nos enunciados.

Esses resultados, contudo, não são corroborados por Crippa (1999). Investigando aspectos pragmáticos e lexicais presentes na fala de uma mãe dirigida a seu filho na faixa etária de 1;7 a 3;0, a autora descreve os tipos de palavras e os grupos semânticos que compõem o léxico materno. Para ela, a predominância no léxico materno é de substantivos. A interação entre mãe e criança estaria baseada na

exploração dos objetos. Assim, a postura lingüística adotada pela mãe seria a de um estilo de linguagem referencial e esse estilo também acaba sendo utilizado pela criança. No entanto, a faixa etária investigada por Crippa (1999) diverge da utilizada por Camaioni e Longobardi (2001), o que poderia justificar essa diferença. Dessa forma, a questão da predominância ou não dos nomes na fala das mães dirigida às crianças permanece em aberto.

A despeito dos diferentes resultados encontrados nessas pesquisas, percebe-se que a proposta de que os verbos são categorias relevantes na comunicação e de que eles intervêm na aquisição da linguagem é consensual e amplamente difundida. Nesse sentido, tem-se apregoadado o uso de verbos no tratamento de crianças com desvios fonológicos. Mota (2001), por exemplo, diz que as palavras selecionadas como alvos na terapia fonoaudiológica devem ser significativas para as crianças, pois quanto mais desconhecido o significado, maiores são as chances de erro. Afora isso, essas palavras devem ter potência comunicativa, porque quanto mais funcional for a palavra maior é a possibilidade de generalização. Em seus termos:

Assim, verbos e conjunções devem fazer parte do inventário de palavras selecionadas, além dos tradicionais substantivos conhecidos pela criança, pois são mais funcionais em termos de comunicação, apresentando alta frequência de ocorrência. (Mota, 2001: 33)

Lowe (1996) também propõe o uso de palavras com potência comunicativa no tratamento fonológico. O autor explica que essas palavras se relacionam à significância, isto é, ao quão funcionais elas são no sistema de comunicação de uma criança. Por conseguinte, ele sugere a inclusão de verbos como *pare* e *vá* entre as palavras-estímulo escolhidas para o tratamento.

No que se refere à avaliação fonológica, Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991) também defendem a inclusão dos verbos. No instrumento proposto na AFC (Avaliação Fonológica da Criança), os autores incluem quatorze verbos (cerca de 12%) na lista de palavras-alvo. São elas: pular, esperar, tocar, nadar, andar, comer, escovar, brincar, voar, soprar, dirigir, latir, dizer e olhar.

Os autores afirmam que os materiais para avaliação tendem a ser favoráveis ao uso das palavras objetos (substantivos) e mostram um número muito inferior de palavras ação (verbos) devido à facilidade de representação das palavras de objetos e à sua maior disponibilidade no vocabulário de crianças menores. Contudo, ressaltam que

os verbos apresentados na lista são muito importantes e, assim, não podem ser ignorados no processo de elicitção. Além disso, sublinham que apesar de a porcentagem dos verbos na lista da AFC ser maior do que a de outros instrumentos, o número de verbos utilizados ainda está muito aquém do desejável.

Com efeito, acredita-se ter demonstrado que os verbos são categorias recorrentes na comunicação, que a sua frequência tem relação com a aquisição e que eles são importantes para a prática clínica. Passa-se, agora, aos procedimentos metodológicos empregados para a descrição dos verbos que aparecem no vocabulário da criança estudada.

4. METODOLOGIA

As formas verbais que aparecem na fala da criança nos estágios iniciais da aquisição da linguagem compõem o que se convencionou chamar de “primeiros verbos”. Entretanto, como pontuam Armon-Lotem e Berman (2003), as pesquisas divergem naquilo que elas incluem sob o rótulo de “verbos iniciais”. Alguns consideram aqueles verbos que ocorrem no estágio inicial de fala até em torno dos dois anos. Outros preferem considerar as diferentes fases do desenvolvimento. Por essa razão, convém explicitar o que se entende, neste trabalho, por aquisição dos primeiros verbos: aqui, o critério utilizado é a faixa etária, a saber, até em torno dos quatro anos de idade.

O trabalho lexicostatístico foi realizado a partir de 31 entrevistas com uma criança (G.) do sexo feminino com idades entre 1;1.22 e 3;9.13. Esses dados pertencem ao Centro de Aquisição e Aprendizagem da Linguagem- CEAAL- da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL).

No levantamento dos dados, foram compiladas todas as formas verbais presentes nos enunciados de G., incluindo-se suas flexões. Foram desconsideradas apenas aquelas cuja classe gramatical não estava bem especificada por questões de homonímia, como, por exemplo, a palavra “brinco” (substantivo) e “brinco” (verbo). Se, porém, o contexto permitisse a eliminação da ambigüidade, a palavra era incluída. Também foram eliminadas as palavras que não tinham a flexão temporal bem especificada, como o verbo “tiramos” (presente) e “tiramos” (pretérito perfeito) . Os verbos que compunham *tag questions* foram incluídos na contabilização.

Após a coleta, os dados foram transcritos em uma tabela dividida por idade, *types* e *tokens*. Nessa tabela, foram colocadas sob o mesmo lema de entrada todas as flexões que G. utilizou para um mesmo verbo. O procedimento metodológico adotado visa à comparação com o léxico adulto. Como os dados do léxico adulto de que se dispõe são os de Biderman (1998), optou-se por utilizar a sua metodologia, isto é, contabilizar os verbos das conjugações perifrásticas separadamente. Caso contrário, seria inviável a comparação. Ainda a exemplo dessa autora, foram discriminadas, em outra tabela, as flexões verbais de cada entrevista.

Depois de tabulados, contabilizaram-se os verbos mais freqüentes no léxico de G., bem como a média de verbos por faixa etária. Também foram contabilizadas as flexões modo-temporal mais usadas em cada idade pesquisada. Por fim, verificou-se a ordem de aparecimento das flexões nas entrevistas. Após a análise dos dados, procedeu-se à comparação dos resultados com os achados de Lamprecht et al. (2004) sobre os substantivos, com os de Biderman (1998) sobre o léxico adulto e com os de Santos e Scarpa (2003) sobre a aquisição da morfologia verbal.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 DA IDADE DE AQUISIÇÃO

Os dados coletados nas 18 entrevistas realizadas ao longo do primeiro ano de G. resultaram em 202 *tokens* e 58 *types*. No seu segundo ano, foram realizadas 8 entrevistas nas quais se encontraram 1058 *tokens* e 168 *types*. Na idade dos três anos, foram realizadas 5 entrevistas que resultaram em 567 *tokens* e 156 *types*. O total dos *types* encontrados até a idade investigada foi 220, e o total dos *tokens* foi de 1827.

Até 1;4.9, o vocabulário produtivo de G. ficou restrito a uma média de 2 verbos por entrevista. A partir de 1;4.22, o uso dos verbos é ampliado gradativamente até atingir uma média de 28 verbos, quando próximo dos 2;0. Após essa idade, o léxico produtivo de G. apresenta um aumento substancial atingindo uma média de 140 verbos por entrevista. A partir dos 3;4.27, a média passa a ser de 73 verbos por entrevista.

Como se pode observar, G. começa com um uso limitado de verbos. Em seguida, amplia significativamente as suas produções, mas apresenta uma queda

acentuada após os 3;0, o que pode ser caracterizado como um desnível no uso dos verbos durante o período estudado.

Os resultados aqui encontrados também revelam um uso restrito dos verbos e de suas flexões nas entrevistas iniciais. Até 1;4.9, as formas são predominantemente do modo imperativo. Essas formas vão sendo gradativamente incrementadas com o uso das outras flexões verbais. A primazia na produção de verbos no modo imperativo pode ser justificada pela necessidade da criança de usar palavras sociopragmáticas para orientar o comportamento dos outros (Barret, 1997). A forma *olha*, que Barret (1997) utiliza para exemplificar o uso que as crianças fazem dessas palavras sociopragmáticas, também está registrada nas entrevistas iniciais de G.

Entretanto, em alguns momentos foi difícil discriminar o uso do imperativo e do presente do indicativo, porque as palavras que correspondem a essas formas são, muitas vezes, homônimas. Por isso, a exemplo de Santos e Scarpa (2003), essas formas foram computadas em conjunto.

Com 1;4, 22, entrevista 7, aparece o pretérito imperfeito, com a forma *era*. No entanto, essa forma desaparece até os 2;1.27, entrevista 19. Isso sugere que essa forma ainda não faz parte das formas mais usuais da informante.

Ainda na entrevista 7, surge o infinitivo. Essa forma, ao contrário da anterior, permanece nas entrevistas subsequentes, o que indica a sua usualidade.

A próxima forma encontrada é o passado perfeito *achei*, na entrevista 8, em que G. conta com 1;5.7. Inicialmente, apresenta baixa produtividade (cerca de 1 ou 2 verbos por entrevista), mas pela presença constante, pode ser considerada adquirida.

O imperativo/presente, o infinitivo e o pretérito perfeito são as formas que permanecem até a entrevista 13 (1;7.15), quando se constata a presença da forma nominal gerúndio em *trabalhando* e *papando*. O gerúndio desaparece na próxima entrevista (número 14), mas é utilizado novamente na entrevista 15, quando G. está com 1;8.12, e permanece nas posteriores. Assim, é possível afirmar que a partir de 1;7.15, G. utiliza o gerúndio.

Esses resultados indicam certo dinamismo no uso das flexões verbais já durante o primeiro ano de G. (a partir da 7ª entrevista). É importante destacar, porém, que as formas mais iniciais, a saber, o imperativo/presente e o infinitivo são as mais recorrentes até a 15ª entrevista, quando a criança está com 1;8.12. Apesar de as demais formas também aparecerem, seu uso é insignificante em relação às formas mais iniciais. A partir de 1;8.27, entrevista 16, começa o nivelamento entre o uso das formas iniciais e

das outras formas. Vejam-se os quadros ilustrativos das formas verbais usadas por G. a partir de 1;8:

olha quer está pegar abre vai abre passou mora gosta nanando pentear ligar puxando nana fugiu pega põe deixa vai passar ligar olha abrir abriu tirar cortar pegar puxa procurar guardar

Quadro 4: Verbos usados por G. em 1;8.12

acender ligar tem queimou mexendo quer caiu é pega pega comer abrir sabe chegou acendeu tirar está comendo está sentar perdeu quero papar sabe sabe botando andando andando
--

Quadro 5: Verbos usados por G. em 1;8.27

Como se vê, o quadro 7 ilustra a baixa incidência (apenas 5) de formas que não correspondem ao imperativo/presente e infinitivo. Mas, no quadro 8, dobra o uso de formas do passado e do gerúndio.

Não foram encontradas até a idade investigada (3;9.13) formas verbais flexionadas no futuro do indicativo. Quanto ao futuro do subjuntivo, há apenas 2 registros efetivos no vocabulário da criança e 3 que podem ser confundidos com o infinitivo flexionado. Observe-se o quadro:

2;5.24	<i>tiver</i>	Fut. Subjuntivo
2;5.24	<i>acordarem</i>	Fut. Subj / Infin.
2;7.12	<i>saírem</i>	Fut. Subj / Infin.
3;0.21	<i>tiver</i>	Fut. Subjuntivo
3;9.13	<i>olharem</i>	Fut. Subj. / Infin.

Quadro 6: Usos do Futuro do Subjuntivo ou Infinitivo Flexionado

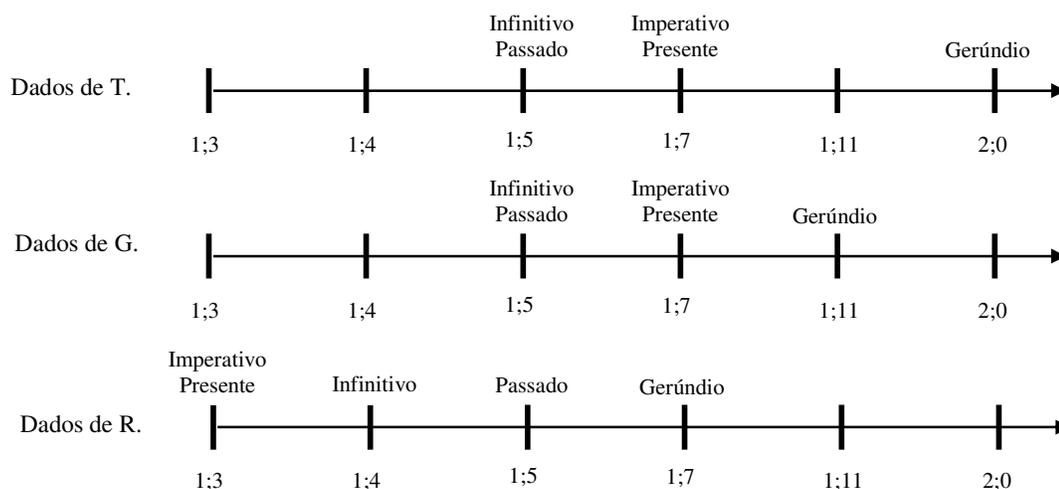
Os resultados aqui encontrados foram confrontados com os de Santos e Scarpa (2003). Nos dados de T.³, aparecem, a partir de 1;5, formas do passado e do infinitivo. A partir de 1;7, surgem as formas no imperativo/presente, e a forma gerundiva surge apenas aos 2;0. R.⁴ tem um desenvolvimento semelhante: o infinitivo e o passado aparecem em 1;5, o imperativo/presente, a partir de 1;7, e o gerúndio a partir de 1;11.12.

Assim sendo, percebe-se que há uma pequena assimetria entre os resultados encontrados por Santos e Scarpa (2003) e os encontrados nos dados deste trabalho. Para melhor visualizar essa comparação, veja-se o gráfico:

³ Forma abreviada para denominar uma das crianças estudadas por Santos e Scarpa (2003).

⁴ Outra criança estudada por Santos e Scarpa (2003).

Gráfico 1: Comparação dos dados de G. e os de Santos e Scarpa (2003)



Dessa aproximação, percebe-se uma ausência de regularidade com respeito à ordem de surgimento do imperativo/presente e do infinitivo, que aparecem mais cedo nos dados de G.⁵ Contudo, outras três inferências são possíveis, partindo-se desses gráficos comparativos: o passado perfeito⁶ surge em torno de 1;5, o infinitivo, o passado perfeito e o imperativo/presente são as formas mais iniciais, e a forma gerundiva é a última a aparecer nos três dados. Além disso, pode-se dizer que essas formas representam as flexões utilizadas por essas crianças até os 2;0 e que, nesse período, não se encontram flexões do imperfeito, nem do futuro do indicativo.

Em resumo, a ordem de aparecimento⁷ das flexões modais e temporais no léxico produtivo de G. é esta: imperativo/presente > infinitivo > pretérito perfeito > gerúndio > pretérito imperfeito.

5.2 DA FREQUÊNCIA

O verbo mais freqüente no vocabulário de G. foi o verbo *ir* com 113 *tokens*. Depois do verbo *ir*, os verbos mais freqüentes foram: *fazer* (59 *tokens*); *estar* (52 *tokens*); *tirar* (47 *tokens*); os verbos *gostar*, *comer*, *querer* e *tomar* (43 *tokens*, todos), o

⁵ A forma no imperativo/presente *vamos* aparece em G. desde 1;1.22. Como, no entanto, Santos e Scarpa (2003) excluíram essa forma, por considerá-la sem significado de ação envolvendo mais de um sujeito, essa forma também foi excluída na representação gráfica para fins de comparação.

⁶ Santos e Scarpa (2003) fazem referência apenas ao tempo passado. No entanto, em todos os exemplos das autoras as flexões que aparecem são do pretérito perfeito.

⁷ Aqui se está considerando o aparecimento efetivo e a sua permanência nas entrevistas que seguem.

verbo *botar* (42 *tokens*) e o verbo *abrir* (38 *tokens*). Veja-se o paradigma dos cinco verbos mais frequentes no vocabulário de G:

	1º ano	2º ano	3º ano	Total
Ir	0	4	3	7
Fui	0	1	0	1
Vai	2	24	4	30
Vamos	5	29	6	40
Vão	0	2	2	4
Vou	0	19	8	27
Indo	0	1	3	4
Todas as formas	7	80	26	113

	1º ano	2º ano	3º ano	Total
Fazer	0	17	11	28
Faço	0	0	4	4
Faz	0	5	6	11
Fazem	0	1	0	1
Fez	0	2	1	3
Fiz	0	5	1	6
Fazendo	0	4	0	4
Fizeram	0	1	0	1
Fazia	0	1	0	1
Todas as formas	0	36	23	59

	1º ano	2º ano	3º ano	Total
Estar	10	0	0	10
Está	0	9	8	17
Estou	0	5	2	7
Estamos	0	2	0	2
Estão	0	4	4	8
Estava	0	7	1	8
Todas as formas	10	27	15	52

	1º ano	2º ano	3º ano	Total
Tirar	6	11	8	25
Tira	3	9	2	14
Tirou	0	2	1	3
Tirei	0	1	0	1
Tirando	0	3	1	4
Todas as formas	9	27	12	47

	1º ano	2º ano	3º ano	Total
Gosto	0	17	2	19
Gosta	1	9	4	14
Gostei	0	3	0	3
Gostou	0	2	3	5
Gostava	0	0	1	1
Gostaram	0	0	1	1
Todas as formas	1	31	11	43

Quadro 7: Formas flexionadas utilizadas por G.

A distribuição das formas, tal como consta nesses quadros, permite que sejam observadas as formas mais usadas dos verbos frequentes. Sabendo-se que existe uma

relação entre organização lexical e mudança produtiva de som (Gierut e Morrisette, 2002), esse tipo de quadro pode contribuir para a prática clínica. Por meio dele, o terapeuta pode visualizar qual a forma mais recorrente que pode ser usada como estímulo no tratamento dos desvios fonológicos, principalmente no caso dos verbos irregulares que apresentam mudanças nos radicais. Por exemplo, o verbo *ir* é bastante freqüente, mas as suas formas mais recorrentes são *vamos*, *vai* e *vou*. A forma *fui* é pouco usada. De acordo com Gierut e Morrisette (2002), isso tem implicações clínicas diversas, pois as palavras de alta freqüência contribuem de maneira diferente das de baixa freqüência no tratamento dos desvios fonológicos evolutivos. No caso de o terapeuta desejar promover uma mudança ampla na fonologia, as formas *vamos*, *vai* e *vou* podem ser utilizadas como alvo com a fricativa /v/, mas a forma *fui*, (que também é do verbo *ir*), não deve ser usada como alvo com a fricativa /f/.⁸ Aceitando-se, ainda, a proposta dessas autoras, as palavras *vamos*, *vai* e *vou* devem ser usadas se o objetivo for promover mudança ampla na fonologia, e evitadas se a meta for promover mudanças em apenas sons não tratados.

O quadro do verbo *ir* requer um comentário. Por questões relativas à homonímia, excluiu-se o verbo *foi* da contabilização dos dados⁹, pois esse verbo pode pertencer tanto à classe do *ser* quanto do *ir*. Os verbos excluídos foram 9 da idade de dois anos e 5 da idade de três anos, perfazendo o total de 14 verbos excluídos. Acredita-se, porém, que o uso desse verbo aumentaria o número dos dados referentes ao verbo *ir*. Isso porque é mais provável, por causa da maturação, que a criança produza enunciados como “[Ele] foi [embora]” ou “[Ele] [já] foi” do que “[Ele] foi [amigo]” ou “[Ele] foi [professor]”.

Comparando-se a lista dos verbos mais freqüentes no vocabulário de G. com os resultados de Biderman (1998) sobre o vocabulário fundamental do PB, vê-se que os verbos *ir*, *estar*, *fazer* e *querer* também são verbos de alta freqüência no léxico adulto. Porém, a ordem de colocação de Biderman é um pouco diferente das encontradas aqui. A lista de Biderman é encabeçada pelo verbo *ser*, seguido de *ter*, *ir*, *estar* e *poder*. Veja-se o quadro comparativo:

⁸ Aqui se está aceitando a proposta de Gierut e Morrisette (2002) de que o som em tratamento ocupe a posição de *onset* absoluto na palavra escolhida.

⁹ A exclusão refere-se à composição do paradigma das flexões, mas a forma *foi* está incluída na contabilização geral dos verbos.

Colocação	Léxico adulto	Léxico de G.
1º	Ser	Ir*
2º	Ter	Fazer*
3º	Ir	Estar*
4º	Estar	Tirar
5º	Poder	Gostar, querer*, comer, tomar
6º	Dizer	Botar
7º	Haver	Ter*
8º	Fazer	Abrir
9º	Dar	Ser*
10º	Ver	Pegar
11º	Saber	Dar*
12º	Querer	Ficar*
13º	Ficar	Olhar*
14º	Achar	Colocar
15º	Dever	Poder*
16º	Falar	Sair
17º	Chegar	Precisar*, brincar
18º	Precisar	Chegar*, conseguir
19º	Começar	Andar
20º	Olhar	Achar*

Quadro 8: Verbos mais freqüentes no DIF e no vocabulário de G.

Como se pode observar, apesar das diferenças de colocações quanto ao uso, a maior parte (65 %) dos verbos mais freqüentes do PB também está entre os mais freqüentes no léxico de G¹⁰ (assinalados com asterisco no quadro). Apesar de o *input* não ter sido analisado neste trabalho, essa correlação entre os verbos mais usados por G. e os verbos mais freqüentes no léxico adulto sugere que a freqüência do *input* influencia na freqüência de uso das crianças. Isso pode estar em conformidade com a idéia de Gierut e Morrisette (2002) de que as palavras com alta ocorrência podem ser mais fáceis de ser retidas na memória de curto prazo, de forma que a criança analisa mais detalhadamente o *input*. Afora isso, esses resultados apontam para a existência de um núcleo vocabular do PB (Biderman, 1998; Nascimento e Isquardo, 2003), que já se manifesta no léxico infantil.

É interessante destacar que há trabalhos demonstrando que o modelo adulto do léxico é comparável ao modelo do léxico infantil. Trabalhos, como o de Munson (2001), mostram que há uma correlação positiva na contagem da freqüência das palavras em bases de dados adulto e infantil. Sendo assim, os resultados aqui encontrados podem estar refletindo esse tipo de correlação positiva também no PB.

Considerando-se, à semelhança de Lamprecht et al. (2004), verbos de alta freqüência aqueles com ocorrência igual ou superior a dez, pode-se afirmar que o léxico

¹⁰ As diferenças de colocações, por vezes, não são muito acentuadas. Há uma pequena variação na ordem de classificação. Observe-se, por exemplo, o caso dos verbos *estar* que da 4ª colocação sobe para a 3ª, e *chegar* que da 17ª colocação cai para a 18ª.

de G. está formado por 52 de alta frequência e 168 verbos de baixa frequência. Os termos percentuais são estes: 76% de verbos de baixa frequência e 24% de verbos de alta frequência.

Esses resultados coadunam com os da pesquisa de Biderman (1998) que atestou que, apesar de o falante ter um bom repertório de verbos à disposição, apenas poucos verbos são usados na enunciação. Esses verbos são reiterados continuamente e, por causa dessa reiteração, apresentam altíssima frequência¹¹. Os enunciados de G. são semelhantes. Apesar de conhecer diferentes formas verbais, ela utiliza somente um número restrito de verbos com maior frequência¹².

Ainda em relação aos verbos recorrentes no léxico de G., convém destacar que, dos vinte e oito verbos mais frequentes em seu vocabulário, apenas quatro constam na lista da Avaliação Fonológica da Criança (Yavas, Hernandorena e Lamprecht, 1991). São estes: *andar*, *comer*, *brincar* e *olhar*. Desses, apenas *comer* está entre os dez mais frequentes nos dados de G. Pesquisas futuras que contemplem um *corpus* maior poderão verificar se os verbos mais frequentes encontrados são os mais utilizados no léxico infantil. De qualquer forma, vale lembrar que treze dos verbos frequentes no vocabulário de G. estão entre os mais frequentes no léxico adulto, o que dá indícios de que eles podem ser recorrentes também no vocabulário infantil e, portanto, devem ser incluídos na prática clínica.

Em relação à frequência de produção dos nomes versus verbos, os resultados apontam para uma assimetria conforme a idade da informante. Nos estágios mais iniciais parece haver uma inclinação da criança ao uso dos nomes. Considerando-se o mesmo número de entrevistas utilizadas por Lamprecht et al. (2004), a média de uso dos itens foi de 12 nomes contra 2 verbos. A partir do segundo ano, porém, há uma pequena inversão na vantagem: média de 140 verbos contra 132 nomes. A vantagem dos nomes retorna nas entrevistas finais. A partir dos 3;4.27, a média de produção por entrevista passa a ser de 105 nomes versus 73 verbos. No total dos dados coletados nas entrevistas, o número de nomes foi superior, mas apenas 28% a mais: os *tokens* levantados por Vidor et al. (2004) sobre os substantivos foram iguais a 2.329 (56% do total) e os *tokens* encontrados neste trabalho foram de 1827 (44%), em relação ao conjunto nomes/verbos.

¹¹ Esse parecer de Biderman (1998) também vale para as demais classes gramaticais.

¹² Vale lembrar que aqui se está trabalhando apenas com medidas de produção. Se fossem consideradas medidas de compreensão, as diferenças seriam ainda maiores.

Nessa perspectiva, os resultados aqui encontrados demonstram que os verbos também são categorias recorrentes no léxico inicial e devem, por conseguinte, ser incluídos na prática clínica. Seguindo a proposta de Mota (2001) de que as palavras-alvo utilizadas na terapia fonoaudiológica devem ser significativas para as crianças, pois quanto mais desconhecido for o significado, maiores são as chances de erro, os verbos aqui apresentados podem servir para o tratamento de crianças com desvios.

Quanto às flexões temporais mais recorrentes, pôde-se constatar nos dados de G. que o imperativo/presente é a forma que mais aparece, tanto no conjunto das entrevistas, quanto nas três faixas etárias separadamente. Esse fenômeno repete-se nas demais flexões: o infinitivo é a segunda mais freqüente; o pretérito perfeito, a terceira; o gerúndio, a quarta, e o pretérito imperfeito, a quinta¹³. Observe-se a distribuição das formas no quadro:

<i>Flexões</i>	<i>1º ano</i>	<i>2º ano</i>	<i>3º ano</i>	<i>Total</i>
<i>Imper./pres.</i>	93	444	201	738
<i>Infinitivo</i>	63	306	203	572
<i>Pret. Perfeit.</i>	26	208	113	347
<i>Gerúndio</i>	18	82	40	140
<i>Pret. Imperf.</i>	02	17	09	28
<i>Fut./Subjunt</i>	-	01	01	02

Quadro 9: Uso das flexões temporais

Como se afirmou anteriormente, é interessante o fato de que as formas mais freqüentes em cada idade são sempre as mesmas¹⁴ e, portanto, são as mais freqüentes no total dos dados. Sublinhe-se, ademais, que a ordem de freqüência das formas corresponde à ordem de aparecimento dessas flexões no léxico da criança: imperativo/presente > infinitivo > pretérito perfeito > gerúndio > pretérito imperfeito. Isso pode estar relacionado à freqüência do *input*: a criança pode estar usando primeiramente e com mais freqüência as flexões mais recorrentes no léxico adulto. Como se viu anteriormente, Biderman (1998) diz que o infinitivo, o gerúndio, as terceiras pessoas do singular do presente e do pretérito perfeito e imperfeito figuram entre as flexões mais freqüentes no PB. Semelhantemente, essas são as flexões mais recorrentes no léxico produtivo da informante. A única exceção é a do imperativo, que é usada abundantemente por G., mas não consta entre as mais freqüentes no léxico adulto.

¹³ No infinitivo estão incluídas as formas flexionadas. Houve três casos do infinitivo flexionado que, talvez, poderiam ser considerados como formas do futuro do subjuntivo, a saber, *acordarem* (uma ocorrência aos 2;5.24), *saírem* (uma ocorrência aos 2;7.12) e *olharem* (uma ocorrência aos 3;9.13).

¹⁴ Uma pequena exceção é o uso do infinitivo ligeiramente maior do que o imperativo/presente no terceiro ano.

Veja-se, contudo, que o imperativo e o presente foram computados em conjunto neste trabalho, justamente por causa da terceira pessoa, que é idêntica em ambos os casos. Essa terceira pessoa é a que Biderman (1998) destaca por possuir alta ocorrência no presente.

Afora a questão da frequência do *input*, esse fenômeno pode estar relacionado à existência de um uso fundamental das flexões temporais, segundo as necessidades da comunicação. Dessa forma, todas as setenta e quatro formas flexionadas do PB, conforme atesta Biderman (1998), não passam de mera virtualidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, descreveu-se o léxico de uma criança com idades entre 1;1.22 e 3;9.13, a fim de constituir uma base de dados que subsidie, especialmente, pesquisas sobre a organização lexical. Para essa descrição, uma das questões norteadoras propunha investigar as formas verbais que aparecem primeiramente no vocabulário da criança (G.) e a idade de aparecimento das formas verbais flexionadas de tempo e modo. Como resultado, mostrou-se que desde muito cedo já aparecem distinções quanto às flexões verbais, sendo o imperativo/presente e o infinitivo as formas mais iniciais e as mais recorrentes. Também aparecem formas no pretérito perfeito, no gerúndio e no pretérito imperfeito, sendo, porém, menos frequentes.

Outro interesse deste trabalho era o de saber se os verbos são categorias recorrentes nas produções da criança. Comparando-se os dados com os de Lamprecht et al (2004), pôde-se verificar a prevalência na produção de nomes nos estágios iniciais, uma ligeira prevalência dos verbos a partir do segundo ano e a nova superioridade dos nomes após os 3;2.28. No quadro geral das entrevistas, os nomes apresentaram uma vantagem de apenas 28%. Mas, por esse percentual ser relativamente baixo e pela variação encontrada durante o segundo ano de G., em que se verificou uma maior incidência dos verbos, atestou-se que os verbos também são categorias frequentes no léxico da informante.

Outra consideração que deve ser feita é a de que, com o levantamento aqui realizado, pôde-se complementar a descrição do vocabulário de G. realizada por Lamprecht et al. (2004). Essa descrição mais completa favorece a realização de pesquisas sobre aquisição do léxico.

Quanto à frequência, descobriu-se que grande parte dos verbos mais frequentes no léxico adulto também correspondia aos verbos mais frequentes do vocabulário produtivo da criança estudada. Esses verbos são ir, estar, fazer, querer, ter, ser, dar, ficar, olhar, poder, precisar, chegar e achar. Além desses, também são frequentes no vocabulário de G. os verbos tirar, comer, gostar, tomar, abrir, botar, pegar, colocar, sair, brincar, conseguir e andar.

Sobre as implicações teóricas desses resultados, confirmaram-se as pontuações de Barret (1997) sobre a predominância dos nomes nos estágios mais iniciais. Como, porém, a autora não especifica a faixa etária em que isso ocorre, seria interessante que outras pesquisas definissem com mais precisão a idade em que os nomes são os mais frequentes no léxico inicial, para que fosse possível realizar uma comparação com os dados encontrados aqui. Neste trabalho, o contexto total das entrevistas apontou para uma pequena tendência aos nomes, mas o vocabulário produtivo de G. apresentou, durante uma faixa etária não pouco extensa, a superioridade dos verbos em relação aos nomes. Deve-se destacar, ainda, que esses achados são limitados quanto ao conhecimento do léxico inicial, pois o uso exclusivo de medidas de produção, como já foi discutido anteriormente, é insuficiente para esse propósito. É possível que as crianças compreendam muito mais verbos do que produzem. Por isso, deixa-se, também, como sugestão que sejam realizadas pesquisas que contemplem a compreensão da criança, bem como a compreensão versus a produção. Ademais, fatores de ordem pragmática também podem ser avaliados de forma mais abrangente, a fim de verificar se os diferentes resultados encontrados por algumas pesquisas sobre a predominância dos nomes no léxico inicial advêm da fala dirigida à criança.

Outra implicação teórica é a que se refere ao vocabulário fundamental do PB. Os resultados mostram que 65% dos verbos mais frequentes no léxico adulto estão também entre os mais frequentes no vocabulário da informante. Isso deixa pistas de que há um núcleo vocabular desse idioma que se repete no léxico infantil. Além disso, sugere que o *input* tem influência na frequência das produções das crianças. Pesquisas que abrangem um volume maior de dados poderão testar melhor essas hipóteses.

Quanto às implicações clínicas desta pesquisa, pode-se destacar que os verbos são categorias gramaticais com bastante frequência no vocabulário infantil, devendo, portanto, ser aproveitados na terapia fonoaudiológica. Essa proposta já foi apresentada por Mota (2001) e Lowe (1996), que defenderam a inclusão dos verbos com potência comunicativa no tratamento dos desvios fonológicos, além dos tradicionais

substantivos. Porém, esses autores não apresentaram nenhuma pesquisa que revele quais são as palavras funcionais no sistema de comunicação de uma criança, o que foi feito neste trabalho.

Com a descrição aqui efetuada, pôde-se perceber que verbos podem ser selecionados como palavras-alvo no tratamento. Afora disso, mostraram-se as flexões mais empregadas desses verbos, uma vez que nem todas as flexões são usuais. Além do tratamento dos desvios, esses verbos podem ser utilizados nos instrumentos de avaliação fonológica. Nesse sentido, sugere-se que a frequência deve ser acrescentada à lista das variáveis (tais como contexto fonético, padrão silábico, acento, posição) utilizadas no processo de seleção das palavras-alvo para o tratamento e a avaliação fonológica.

Como sugestão para trabalhos futuros, fica em aberto, ainda, uma pesquisa que investigue a flexão verbal mais amplamente, considerando as flexões relativas à regularidade dos verbos. De acordo com Clahsen et al. (2002), há uma dissociação entre os processos regulares e irregulares na distribuição dos erros. Segundo eles, as crianças estendem o uso dos sufixos regulares para os irregulares, mas não vice-versa. Além disso, os achados de Jaeger et al. (1996) sustentam a hipótese de um sistema dual para as formas regulares e irregulares do pretérito em inglês. Para eles, essas formas são computadas com diferentes mecanismos. Nesse sentido, uma pesquisa que avalie a aquisição das formas regulares e irregulares acrescentará informações pertinentes para uma caracterização mais detalhada da organização dos verbos no léxico mental inicial.

Finalmente, espera-se ter contribuído para minimizar a carência de material descritivo sobre o léxico inicial subjacente, em especial, com dados de fala. Sabe-se que as investigações em linguagem humana nunca são conclusivas, mas espera-se que este trabalho sirva de apoio para outras discussões e que abra caminhos para a realização de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

1. ARMON-LOTEM, S.; BERMAN, R. The emergence of grammar: early verbs and beyond. *Journal of Child of Language*, n. 30, 2003.

2. BARRET, M. Desenvolvimento lexical inicial. In: FLETCHER, P.; MAC WHINNEY, B. *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
3. BAR-SHALOM, E. Tense and aspect in early child Russian. *Language Acquisition*, n. 10, 2002.
4. BASSANO, B. Early development of nouns and verbs in French: exploring the interface between lexicon and grammar. *Journal of Child of Language*, n.27, 2000.
5. BIDERMAN, M. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, n. 40, 1996.
6. _____. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. *Alfa*, n. 42, 1998.
7. CAMAIONI, L.; LONGOBARDI, E.; Noun versus verb emphasis in Italian mother-to-child speech. *Journal of Child of Language*, n.28, 2001.
8. CLAHSSEN, H.; AVELEDO, F.; ROCA, I. The development of regular and irregular verb inflection in Spanish child language. *Journal of Child of Language*, n. 29, 2002.
9. CRIPPA, C. *Análise lingüística dos enunciados de uma mãe falando com seu filho pequeno: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, PUC/RS, 1999.
10. DEMUTH, K.; MACHOBANE, M.; MOLOI, F. Rules and construction effects in learning the argument structure of verbs. *Journal of Child of Language*, n.30, 2003.
11. GOLDFIELD, B. Nouns before verbs in comprehension vs. production: the view from pragmatics. *Journal of Child of Language*, n.27, 2000.
12. GIERUT, J.; MORRISSETTE, M. Lexical organization and phonological change in treatment. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 45, 2002.
13. JAEGER, J.; LOCKWOOD, A.; KEMMER, D.; VALIN, R.; MURPHY, B.; KHALAK, H. A positron emission tomographic study of regular and irregular verb morphology. *Language*, n.3, v. 72, 1996.
14. KAUSCHKE, C.; HOFMEISTER, C. Early lexical development in German: a study on vocabulary growth and vocabulary composition during the second and third year of life. *Journal of Child of Language*, n. 29, 2002.
15. LAMPRECHT, R; ANDERSEN, E.; PACHECO, S.; VIDOR, D. O léxico inicial: um estudo longitudinal de uma criança falante de Português Brasileiro com idade entre um e três anos. *Trabalho apresentado no Círculo de Estudos Lingüísticos*. Florianópolis, 2004.

16. LEONARD, L.; DEEVY, P.; MILLER, C.; CHAREST, M.; KURTZ, R.; RAUF, L. The use of grammatical morphemes reflecting aspect and modality by children with specific language impairment. *Journal of Child of Language*, n.30, 2003.
17. LOWE, R. *Fonologia. Avaliação e intervenção: aplicações na patologia da fala*. Porto alegre: Artes Médicas, 1996.
18. MOTA, H. *Terapia fonoaudiológica para os desvios fonológicos*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.
19. MUNSON, B. Phonological pattern frequency and speech production in adults and children. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, n. 44, 2001.
20. NASCIMENTO, R.; ISQUIERDO, A. Frequência de palavras: um diagnóstico do vocabulário de redações de vestibular. *Alfa*, n. 47, 2003.
21. RODRIGUES, A. *A fala das mães com os bebês: um estudo sobre a evolução do léxico materno*. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, PUC/RS, 1998.
22. SANTOS, R.; SCARPA, E. Aquisição da morfologia verbal e sua relação com o acento primário. *Letras de Hoje*, n. 4, 2003.
23. SCLiar-CABRAL, L. *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1999.
24. THEAKSTON, A.; LIEVEN, E.; PINE, J.; ROWLAND, C. Going, going, gone: acquisition of verb 'go'. *Journal of Child of Language*, n.29, 2002.
25. _____ Semantic generality, input frequency and the acquisition of syntax. *Journal of Child of Language*, n. 31, 2004.
26. WEIST, R.; PAWLAK, A.; CARAPPELLA, J. Syntactic-semantic interface in the acquisition of verb morphology. *Journal of Child of Language*, n. 31, 2004.
27. WITTEK, A.; TOMASELLO, M. German children's productivity with tense morphology: the Perfekt (present perfect). *Journal of Child of Language*, n.29, 2002.
28. YAVAS, M; HERNANDORENA, C.; LAMPRECHT, R. *Avaliação fonológica da criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

RESUMO: Este trabalho trata das representações lexicais subjacentes das crianças. Descreve o léxico produtivo de uma criança falante do português a partir de dois parâmetros da estrutura organizacional: a idade de aquisição e a frequência das palavras.

PALAVRAS-CHAVE: Psicolinguística; Léxico; Verbos iniciais.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to discuss the underlying lexical representations of the children. It describes the productive lexicon of a child from two parameters of the organizational structure: the age of acquisition and the frequency of the words.

KEYWORDS: Psycholinguistics; Lexicon; Early Verbs.

RESUMEN: Este trabajo trata de las representaciones lexicales subyacentes de los niños. Describe el léxico productivo de un niño hablante de portugués a partir de dos parámetros de la estructura organizacional: la edad de adquisición y la frecuencia de las palabras.

PALABRAS CLAVE: Psicolingüística; Léxico; Verbos iniciales.

Recebido no dia 20 de maio de 2008.

Artigo aceito para publicação no dia 18 de junho de 2008.